

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta de notícias Class.: 878

Data: 05.09.84 Pg.: _____

190

Juruna Explica Dólares, Avião e Critica Pataxós

O deputado Mário Juruna (PDT-RJ) negou, as acusações de haver cedido às ofertas de fazendeiros e seus representantes para deixar de defender os interesses dos índios em troca de presentes, favores e dinheiro. Confirmou, contudo, haver recebido três mil dólares do "comandante Carvalho", piloto e amigo do presidente da Funai, Jurandy Fonseca, para participar da reunião da ONU, em Genebra, sobre direitos das minorias.

"Falei com Carvalho para quebrar o galho; eu não tinha dinheiro, mas não é dinheiro de fazendeiro", afirmou, em tom indignado, acusando a imprensa de fazer intrigas e de dizer mentiras. Juruna disse ter visitado a área dos índios pataxós, na condição de parlamentar, "acompanhado de dois deputados, e não de fazendeiros". "Eu não sabia que o pessoal vinha atrás; só vi quando chegamos à reserva", assinalou, negando que sua viagem a Pau Brasil resultasse de alguma articulação com os proprietários de fazendas na área em disputa e de que houvesse sido pago.

Mesmo assim, reconheceu ter realizado a viagem à Bahia em avião fretado pelo sindicato patronal de Pau Brasil. Também reafirmou ser a reserva Caramuru-Paraguassu ocupada por uma maioria de caboclos e apenas meia dúzia de índios, e admitiu ter defendido os pataxós (enfrentando inclusive o risco de cassação do mandato) sem conhecê-los, só percebendo agora que os índios puros são poucos. Indagado sobre os indícios que o levaram a por em dúvida a indianidade da reserva, respondeu: "Índio não tem barba, nem bigode, nem cabelo no peito".

MANDATO EM JOGO

Em novo acesso de irritação contra a imprensa, Juruna ameaçou até abandonar a política. "Eu estou pronto para largar essa (...), para deixar esse inferno", assinalou, ameaçando, porém, que "antes de retirar candidatura, eu vai pedir a governo federal para tirar licença de pataxó". Isso quer dizer que pretende pedir ao governo para não reconhecer a indianidade da reserva de Pau Brasil.

"Não tem mais paciência. Já sofreu muito. Não está aqui porque gosta de Câmara, mas para cumprir dever. Tem horário-limite, tem

paciência-limite, não quer saber mais de encarar política o deputado" — desabafou.

Perguntado se desejava dizer que não tentaria a reeleição, respondeu: "Para sofrer, não." Em seguida, reagiu com raiva à indagação: "Vai deixar a Comissão do Índio? Isso é problema meu. Um dia você vai entender. Sou puro". Adiante, à pergunta quanto a sua participação no Colégio Eleitoral, respondeu prontamente: "Não pode decidir tanta coisa, não."

COMUNISTAS

Embora ele próprio tivesse convocado a imprensa para a entrevista, alegando ser ontem o dia do seu aniversário, Juruna atacou os jornalistas com insistência. "Vocês é jornalista do padre. Existe o partido do comunista no padre, na imprensa, e vocês está fazendo campanha".

Na mesma medida em que insistia em acusar a imprensa, Juruna repetia sua condição de vítima. "Estou me sacrificando pela família, pela criança. Só sai mentir. Eu sou pobre, filho de índio; não sou fazendeiro, nem empresário. Já sofri muita pressão. Eu amigo particular do Carvalho. Eu não tenho poder para exigir nada. Quem quiser me dar carona eu aceito (respondendo à acusação de exigir e obter aviões dos fazendeiros para vir do Mato Grosso à Brasília)".

O deputado Juruna não resistiu a um novo acesso de raiva ao ser indagado sobre o emprego que sua mulher teria conseguido no gabinete do presidente da Câmara, Flávio Marinho, depois de deixar a Funai.

"Estou (...) com essa fofoca. É fofoca de branco".

"Mas sua mulher ganhava da Funai, sem trabalhar" — rebateu uma jornalista.

"Não é direito? Se mulher foi convidada, é problema dela, da Funai" — explicou.

Juruna também fez questão de assinalar que não é só deputado do índio, mas do trabalhador, do brasileiro. No entanto, afirmou que, no caso da disputa de terras entre pataxós e fazendeiros, "quem tem que defender caboclo é o Inca", acrescentando que o cacique Saracura, líder do grupo indígena, foi criado em São Paulo.